

Comércio da Póvoa de Varzim

PUBLICAÇÃO SEMANAL AS QUINTAS-FEIRAS
Director e editor—Manuel A. Frasco
Redacção e administração—Praça da República
Propriedade de Frasco & Comp.ª

JORNAL INDEPENDENTE, DEFENSOR DOS INTERESSES LOCAIS
: : : E O DE MAIOR CIRCULAÇÃO NO CONCELHO : : : :

ASSINATURAS — Semestre, 750; Provincias e estranhas, ano, 1750; Colónias, ano 3000
Brasil — Ano, (compra brasileira) 20.000 reis
ANÚNCIOS — Linha 500. Formateadas preço convencional.

ALA! ALA! ALA-ARRIBA!

Está criada a Junta Autónoma do nosso Pôrto de Pesca. O «Diário do Governo» do último domingo, 22 do corrente, publica o respectivo decreto.

Nesta hora de regosijo para todos os póveiros, o «Comércio da Póvoa de Varzim» saúda enternecidamente todos os dedicados amigos da nossa terra e todos os póveiros que trabalharam para que esta velha aspiração da Póvoa se tornasse de esperança em realidade.

Vamos entrar no caminho das realizações. Apelamos para todos os poveiros no sentido de pôrem de parte todos os ressentimentos, para só vêrem o bem-comum. E, assim, unidos, dentro ou fora da Junta, trabalharemos pela construção do Pôrto de Pesca—sem dúvida alguma, o maior melhoramento da nossa querida terra.

O CAMINHO A SEGUIR

São leis do país a criação da Junta Autónoma para estudo, execução e administração das obras do pôrto de abrigo da Póvoa de Varzim, e a criação, na sua enseada, dum pôrto de pesca—o primeiro que se institue em Portugal.

O movimento intenso e decisivo que se esboçou e intensificou, desde a Festa Marítima de Outubro findo, tinha fatalmente que conduzir a resultados opostos: ou se realizavam as antigas e merecidas pretensões da Póvoa, ou já-mais se realizariam.

Num país de apáticos, de indolentes e—digamos a verdade—de egoístas, o bom resultado desse movimento marca como um dos mais proficuos de que ha memoria. E não foi só o feliz resultado dessa empreza que chama a atenção geral; é, sobretudo, a presen-za com que se chegou a tal resultado.

Factores providenciais contribuíram para isso, um desses a campanha do grande diário lisboense «O Século», campanha única nos annos do jornalismo português.

Desprezar o precioso auxilio que a Póvoa ofereceu Pereira da Rosa, num memorável banquete em sua honra; duvidar desse espontâneo e generoso auxilio, seria um verdadeiro crime, um repelente crime.

Por isso os póveiros o receberam alvorogadamente e a ele se arriaram, secundando, com todas as suas forças, as insistentes reclamações, em favor da nossa terra, que o importante diário endereçou aos poderes públicos.

Enquanto o intemerato jornalista, que dirige proficentemente esse jornal, e os seus redactores se empenhavam no cumprimento da palavra dada, aqui, na Póvoa, e, fora dela, em Lisboa, congregavam-se dedicações a toda a prova, para se conseguir o almejado fim.

Aqui, na Póvoa, trabalhou-se com entusiasmo e com tenacidade, porque todos, graças a Deus, reconheceram lucidamente que, nessa



PEREIRA DA ROSA



ALFREDO PINTO

Nesta hora de intensa alegria para a Póvoa, não podíamos deixar de prestar a nossa mais sincera e entusiástica homenagem a estes queridos amigos da nossa terra, um dos quais, Vicente Areias, seu filho estremecido.

E a eles, principalmente, ao seu grande valimento, ao seu esforço e ao seu denodado amor por esta terra, que hoje vivemos esta hora da maior alegria que já mais tínhamos sentido na nossa vida.

O quanto a Póvoa lhes deve para a consecução do grande melhoramento que



ENG. JOÃO A. L. GALVÃO

acabamos de obter do Estado, só o sabe quem, como nós, seguiu a par e passo, todas as demarches que os nossos illustres homenageados tiveram de fazer para esse fim, e quanta actividade e influencia tiveram de empregar para vêrem realizados os seus ardentes desejos.

A Póvoa agradece, beija-lhes respectosa e fervorosamente as mãos, gravando para sempre no mais recondo da sua alma os nomes dos seus illustres benefactores, como penhor sagrado de uma imperecível e imortredoltra gratidão.



DR. JOSÉ PONTES



VICENTE AREIAS

luta, se decidiria o futuro da terra amada e tão esquecida.

Não sei agora fazer distincções, porque reconheço que, por vias diversas, se pode atingir o mesmo ponto. Só sei que se empregaram esforços bem árduos e se fizeram sacrificios bem pesados.

Houve quem dispendesse dinheiro e quem prodigalisou o seu tempo, com pejuizo dos seus interesses; houve quem se esquecesse de possíveis ressentimentos e quem relegasse, para plano secundário, ideais ou opiniões; houve quem sanasse confitos e quem realizasse aproximações proveitosas.

Sem dúvida houve também divergências de pareceres, competencias irreprimíveis, intrigas inevitáveis e maisinação de intenções.

Mas, por fim, triunfou a boa causa, para bem da Póvoa, que o mesmo é para bem de todos.

Por quantos dissabores, por quanta anciedade, por quantos sobresaltos não ficou esta vitória?

Porque, de facto, se viveram horas verdadeiramente angustiosas, até que em leis se converteram os desejos da Póvoa; porque, de facto, se jogaram os destinos da Póvoa; porque, apesar de tudo, não houve pessoa alguma que discordasse da consecução do fim, embora se formassem partidos ou grupos sobre o emprégo dos meios e que ha necessidade imperiosa dum perfeita união, para se trilhar confiantemente o caminho que se deve seguir, no cumprimento daquelas leis.

Esse caminho é para a frente, sem hesitações nem ressentimentos; mas, pelo contrário, com uma união forte, consistente e disciplinada.

Começa, agora, uma outra fase do combate empenhado pe o futuro da nossa terra, futuro que devemos preparar para vindouros, que nos louvarão com orgulho, se cumprirmos o nosso dever; mas que nos condenarão irremissivelmente, se não tivermos a coragem precisa para vencer todas as dificuldades ou nos perdermos em mútuas retaliações.

Não podemos ficar por aqui, com a merecida satisfação pelo deferimento a antigas e justas pretensões; temos, ainda, um bem pesado encargo sobre os ombros,

qual o de darmos realidade á obra cojos lineamentos o Governo acaba de traçar.

E' daqui por diante que o patriotismo dos póveiros vai ser posto á prova, porque é preciso não deixar perder as posições tomadas, seja á custa do que lôr.

Todos teem postos os olhos em nós, para verem se merecemos ou não a regalia, ou antes, o acto de justiça, que nos foi conferido.

MANUEL SILVA

A PÓVOA MANIFESTA-SE

em regosijo pela criação da Junta Autónoma do seu pôrto

Por iniciativa da Associação Marítima dos Póveiros, realizou-se na noite de segunda-feira última, uma manifestação destinada a saudar o grande jornal «O Século»—o maior paladino das aspirações da Póvoa—o Governo da República e as entidades que empregaram esforços para a consecução do decreto da Junta Autónoma.

A manifestação, devemos dizê-lo desde já, foi imponentíssima, entusiástica, e enormemente concorrida por pessoas de todas as classes sociais.

Organizou-se na Casa dos Pescadores, tendo-se incorporado nela, com as suas bandeiras, as seguintes associações: Banda Póveira, Club Naval, Mutualidade Obrigatória, Revendedores de Viveres, Escoteiros, Academia Povoense, Sindicato Agrícola, Marítima, Comercial e Bombeiros Voluntários, com todo o corpo activo e uma numerosa e densíssima multidão de populares.

Por entre vivas entusiásticos, cheios de fé e de baírrismo, a manifestação foi até junto da residência do sr. administrador do concelho, sr. João Pedro da Silveira Campos, aonde s. ex.ª foi cordealmente cumprimentado, em nome da Marítima, pelo nosso camarada sr. Leopoldino Loureiro e pelo presidente sr. António Pedreira e em nome da Sociedade de Defesa e Propaganda, pelos srs. João Pereira Dias, dr. José de Sá, dr. Armindo Graça e Joaquim Martins.

A seguir, após uma pequena paragem en frente a Associação Comercial, a manifestação dirigiu-se para a Câmara Municipal, onde a Comissão foi recebida pelo sr. presidente e por toda a vereação.

O sr. Leopoldino Loureiro, num eloquente improviso, saudou a Câmara Municipal, «tabernáculo» su- premo das regalias e aspirações pó-

veiras. O sr. presidente, dr. Costa Reis, agradeceu a saudação da Maritima, tendo palavras de muito apreço para o nosso velho camarada. Referiu-se aos trabalhos sobre a Junta Autónoma, frisando que a Câmara estava sempre pronta a auxiliar todos os trabalhos em prol da Póvoa de Varzim.

Sempre no meio de grande entusiasmo, com vivas ao «Século», aos amigos da Póvoa, ao Governo, ao sr. ministro do comércio, ao sr. engenheiro Galvão, etc. etc., a manifestação dirigiu-se à Capitanía do Porto e depois ao Club Naval.

Duma janelada da sede deste grémio, o sr. dr. José de S. J., dirigiu ao povo, que se aglomerava na Praça da República, num número calculado em dois milhares de pessoas, um discurso magistral, em que exaltou com palavras de toda a justiça a acção benemerita do «Século», do sr. Pereira da Rosa, do dr. José Pontes, Alfredo Pinto, Vicente Azeites, Engenheiro Galvão, Ministro do Comércio, etc. etc., terminando com um entusiástico «Ala... Arrriba!» que arrebatou os manifestantes.

O sr. Leopoldino Loureiro ficou uma vez se regosijou com a criação da Junta Autónoma, levantando vivas pelo «Século», pela Póvoa e por todos os seus amigos.

Do Club a manifestação voltou ao ponto da partida: a sede da Maritima. Ali, o sr. Prior Leituga, numa oração arrebatadora, lembrou a acção de todos os desinteressados amigos da Póvoa, poveiros e não poveiros, nomeando um por um, com palavras de muita sinceridade e reconhecimento. Levantou depois vivas fervorosos, que a multidão se cundiu vibrantemente.

O sr. A. Santos Graça, recorda o pedido que fez, há meses, naquele mesmo lugar, ao sr. Pereira da Rosa, para se interessar pelos pescadores poveiros, declarando que o illustre director do «Século» cumpriu honradamente a sua promessa. Preconiza a união de todos os poveiros, a cerração das lutas entre os filhos da Póvoa, para que todos reunidos em volta do ideal poveiro, conjuguem os seus esforços e trabalhem para o conseguimento das aspirações maiores da Póvoa de Varzim.

A assembleia prorompe em vivas, em brados de legitima satisfação, sendo ininterruptas as saudações ao «Século», a Póvoa, a confraternização de todos os poveiros, etc., etc.

Depois do sr. presidente da «Maritima» ter agradecido a todos os presentes, os manifestantes debandaram, na melhor ordem.

A fachada do Club Naval Povoense, encontrava-se profusamente iluminada a luz eléctrica, tendo ao centro o braço da Póvoa e saudações ao «Século».

Também a fachada da Câmara Municipal foi iluminada com um renque de luzes e com o escudo nacional.

A Casa dos Pescadores Poveiros, também se encontrava lindamente iluminada a luz eléctrica.

Os decretos

que foram publicados no «Diário do Governo» são assim redigidos:

Não prevendo o Regulamento das Juntas Autónomas dos Portos, aprovado por decreto n.º 14.782, de 19 de Dezembro de 1927, que delas façam parte representantes dos proprietários da zona de influência dos portos; mas sendo de justiça conferir-lhes a faculdade de representação, mamente quando tenham de contribuir largamente, por meio de impostos directamente lançados sobre a sua propriedade, quer rústica quer urbana, para as obras de construção dos portos; Usando da faculdade que me confere o n.º 2.º do artigo 2.º do decreto n.º 12.740, de 29 de Novembro de 1926, sob proposta dos ministros de todas as repartições: Hei por bem decretar, para valer como lei, o seguinte:

Que das Juntas Autónomas dos Portos possam fazer parte, como vogais eleitos, representantes dos contribuintes proprietários prediais, ficando assim ampliado o disposto na alínea b) do artigo 3.º do Regulamento Geral das Juntas Autónomas dos Portos.

Criação da Junta Autónoma do Porto

Artigo 1.º—É criada, na vila da Póvoa de Varzim, uma corporação local, delegada do Governo, com a denominação de Junta Autónoma do Porto da Póvoa de Varzim, nos termos da lei orgânica das Juntas Autónomas, com os seguintes fins: a)—Proceder aos estudos e executar as obras neces-

árias à construção dum porto de pesca; administrar as suas receitas, subsídios de qualquer natureza e os impostos destinados à sua conservação e melhoramentos; b) — Explorar o porto nos termos das leis applicáveis, e em harmonia com os regulamentos que foram aprovados; c) — Promover, pelos meios que julgar mais eficazes, dentro das leis vigentes, o desenvolvimento da industria de pesca e acessórios, prestando auxílio e protecção ás classes que nele se empregarem.

§ único.— A Junta instalar-se-á dentro do prazo de sessenta dias a contar da publicação deste decreto com força de lei.

Art. 2.º—A área da jurisdição da Junta é assim delimitada: a) — Zona marítima: Toda a enseada; b) — Zona terrestre: Compreende os terrenos do litoral, limitado: Ao sul, pelo limite do concelho da Póvoa de Varzim; de Vila do Conde; ao norte, pela praia de banhos (rotunda da Avenida Monsinho de Albuquerque); e ao nascente, pelas rias exteriores das suas margens existentes entre os dois pontos mencionados.

§ único.— O disposto nesta alínea não impede a Junta de fazer nos terrenos que pertencem ao concelho de Vila do Conde, quaisquer obras necessárias ao porto e que façam parte do objectivo do projecto superiormente aprovado, se isso se tornar necessário.

Art. 3.º—A zona de influência estende-se a todo o concelho da Póvoa de Varzim.

Art. 4.º—A Junta é constituída nos termos do artigo 5.º, da Lei Orgânica das Juntas, pelos seguintes vogais: a) Vogais natos: o presidente da comissão executiva da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim; o capitão do porto; o engenheiro-chefe da Divisão Hidráulica do Douro; um engenheiro-delegado da Companhia dos Caminhos de Ferro do Norte de Portugal; o delegado do Ministério Público da comarca; o chefe da Delegação Aduaneira; o director do porto, administrador delegado da Junta; b) Vogais eleitos: um representante da Associação Commercial; um representante dos contribuintes industriais nomeado nos termos do § 2.º do artigo 3.º do Regulamento das Juntas; um representante dos contribuintes proprietários prediais, nomeado nos termos do decreto anterior; um representante do Sindicato Agrícola; um representante dos interesses piscatórios.

Art. 5.º—A comissão executiva da Junta será constituída por três membros, nos termos do § 2.º do artigo 3.º do decreto n.º 14.718, das Juntas Autónomas.

Art. 6.º—Constituem receitas da Junta:

a) O produto das taxas que forem estabelecidas pela Junta e aprovadas pelo Governo por effeito de estadia de embarcações, atracação dos cais, alugueis de terrenos, sob a sua jurisdição, guindastes e fornecimentos de aguas; b) A contribuição anual de 10000, por cada embarcação de vela e 20000 por cada embarcação a vapor registada na Capitania do Porto da Póvoa de Varzim e que estejam em serviço; c) O produto de uma taxa variavel entre 5000 e 10000 para pagar pelos proprietários de cada predio rústico e urbano e por cada comarca industrial, do concelho da Póvoa de Varzim, de harmonia com a tabela estabelecida pela Junta, segundo os respectivos valores dos predios e dos estabelecimentos; d) De 50 por cento do actual imposto do pescado, arrecadados pelos postos fiscaes das praias do concelho da Póvoa de Varzim; e) Os subsídios que o Governo, pelo Ministério do Comércio e Comunicações, destinou já a reparação e construção do porto de pesca da Póvoa de Varzim e que se encontram á ordem da Divisão Hidráulica do Douro e ainda os que de futuro venha a conceder com igual destino e ajuda os subsídios da Câmara Municipal, Junta Geral ou particulares para aquele fim. § único.—As taxas e impostos a que se referem as alíneas a) e c) desaparecerão, desde que cessem os encargos provenientes das empreitadas da construção do porto de pesca.

Art. 7.º—A Junta pode, dentro dos seus recursos orçamentais e nos termos do disposto do artigo 16.º da Lei das Juntas, contratar os emprestimos que julgar necessários aos pagamentos das empreitadas, ao juro que for combinado, tendo em conta que a amortização desses emprestimos não vá além de 30 annos.

Art. 8.º—Fica revogada a legislação em contrario.

E' criado o porto de pesca

Exigindo a lei de portos que a alteração á classificação de portos por ella feita seja precedida da publicação de um decreto justificativo dessa alteração; tendo o porto da Póvoa de Varzim sido classificado como porto de 4.ª classe pela mesma lei, o que era justificado pelo critério que presidiu á classificação, mas sendo certo que a enseada da Póvoa de Varzim se presta realmente á construção de um porto de pesca, e que é um porto de pesca e só esse que os interesses locais solicitam do Governo, pedido absolutamente justificado pelas condições locais, e verificado pelos relatórios que ao Governo tem sido apresentados; atendendo á que pelo decreto n.º (o decreto anterior), que criou a Junta Autónoma da Póvoa de

Notas amenas

Vanitas, vanitatum, et afflictio spiritus.

Que profunda filosofia encerra este conceito máximo do Ecclesiastes.

Em vão filósofos, psicólogos, moralistas, numa tarefa exaustiva, lançam as bases de novos sistemas, de novas doutrinas, numa ánsia absoluta de felicidade, na conquista insatisfeita do ideal, procurando o aperfeiçoamento da vida, a perfeição individual e colectiva.

Eu não sou um scéptico, nem descreio tão pouco do progresso humano. Mas quanta cegueira e quanto labor inútil, como semente em terra salgada. Se, já não direi rios de tinta, mas ate rios de sangue é preciso lutar, correr, para que esta pobre humanidade logre o mais pequeno aperfeiçoamento na sua lenta e incerta evolução.

E como não havia de ser assim, se os próprios filósofos e moralistas, que procuram lançar as bases de novos sistemas, que evangelizam doutrinas elevadas, tão poucas vezes conseguem harmonizar a sua conduta particular, o seu modo de proceder e de viver em sociedade, com as doutrinas que apregoam e defendem.

E como não havia de ser assim, se o homem, nessa luta intensa que é o revolver intimo da sua consciencia, prevalece quasi sempre a natureza animal, instintiva, grossieira e inferior, sobre a natureza espiritual, elevada e distinta, pela qual elle participa da própria essencia divina, como pretendem os espirituálistas.

Vanitas, vanitatum, et afflictio spiritus.

Esta vida é astuciosamente feita. Aquele na sua ancia egocéntrica reputa-se o centro do universo.

Todas as homengens são devidas á sua incomensurável vaidade, que não ao seu parco merecimento.

Segue religiosamente uma doutrina que ensina a humildade, a modestia, o desprendimento dos bens deste mundo, e é soberbo, orgulhoso, avaro e egoista.

E este outro que se diz liberal, igualitário, livre pensador, e é cheio de tacciosismo, de intolerância, e de preconceitos de classe.

Os calculadores que instantaneamente clamam pela sua hipotética dignidade, só tendo merecimento para deprimir o trabalho honesto, de quem vai levando conforme pode a sua vida. E as mulheres de soalleira, e os criticos de esquiua...

Mas uma voz acorda no mais intimo do meu ser, a bradar compassivamente por sobre todo este estal da miserij humana, aquela máxima misericordiosa do *pobresinho de Assis: «Não julgues, se não que res ser julgado, perdás, se queres ser perdoado.»*

Estranhará pacientissimo leitor, que eu ponha de parte o habitual tom de *blague*, em que aino ou de saíno as *notas amenas*.

Eu bem sei que este tema é impróprio desta secção, e que seria mais digno dum sermão evangélico em quarta-feira de cinza, sobre a inanidade da gloria mundana, e a felicidade eterna da bemaventurança.

Mas é que eu por vezes, conquanto relativamente bem disposto, sinto o brutal constrangimento de enfrear a vida como ella é, na sua dura realidade.

João Costa

Varzim se verifica que ella dispõe dos recursos necessários á construção desse porto de pesca aquella localidade; usando da faculdade que me confere o n.º 2 do artigo 2.º do decreto n.º 12.740, de 26 de Novembro de 1926, sob proposta dos ministros de todas as repartições: hei por bem decretar, para valer como lei, e nos termos do § único do artigo 1.º da Lei de Portos, de 2 de Dezembro de 1926, o seguinte:

Artigo 1.º E' criado, na enseada da Póvoa de Varzim um porto de pesca.

Art. 2.º Fica revogada a legislação em contrario.

Ao ter-se conhecimento de que o decreto da criação da nossa Junta Autónoma havia sido publicado no domingo, no «Diário do Governo», foram desta villa enviados para Lisboa, muitas dezenas de telegramas endereçados aos srs. João Pereira da Rosa, Dr. José Pontes, Alfredo Pinto, Ministro do Comércio, Engenheiro João L. Galvão e redacção do «Século», como prova de agradecimento do povo da Póvoa, pela justiça que vem de lhe ser feita.

A mensagem ao «Século»

Ontem, por ocasião da visita dos poveiros á redacção do importante diário «O Século» foi por um dos membros da patriótica Sociedade de Defesa e Propaganda da Póvoa, entregue ao illustre sub-director daquelle jornal, sr. Tito Martins, uma artistica pasta de veludo vermelho, com o brazão da Póvoa, encerrando uma mensagem de agradecimento pelo muito que «O Século» tem feito a favor das justas aspirações da nossa terra.

A referida mensagem que foi assignada por mais de 1500 pessoas de todas as classes sociais da Póvoa, foi redigida pelo nosso illustre redactor sr. Manuel Silva.

O trabalho da pasta, em prata, foi executado nas oficinas do importante industrial sr. António Gomes, trabalho esse que muito honra ás oficinas da nossa terra.

Eis a mensagem:

A' illustre Direcção e Redacção do «Século»

Vinha de longe o intenso desejo de já da Póvoa de Varzim, no sentido de se garantirem as vidas e haveres da numerosa classe piscatória, prestimo e de desprezida classe que, apesar de humilde e mais que pobre, fez eleva. com o seu trabalho, uma simples terra do litoral a uma das mais importantes vilas do país.

Esta garantia de vidas e haveres consistia na construção dum porto de abrigo, obra de vulto como todas as desta natureza. Tal obra era de absoluta necessidade, pelo seu fim de absoluta urgência, para evitar mais victimas e a crescente saída de poveiros, para outros pontos da costa e para o Brasil.

Os poveiros sempre viveram no abandono; mais inveto dos poveiros, de todos; áparte a tentativa da construção do porto, há quarenta annos.

Agora em condições mais precárias de vida económica local e numa crise demográfica aguda, voltou-se de novo a attenção pública para a velha questão do porto de abrigo, estando no animo de todos a noção de ser de vida ou de morte para a Póvoa de Varzim a realização do seu maior desejo.

Para o conseguir, havia que vencer obstáculos numerosos e graves, que traziam o deslesto aos mais corajosos.

Foi o grande diário lisbonense «O Século» o primeiro a abrir a brecha na expressão paralisante imposta aos poveiros de cantinhar, lutar pela sua própria existência; e foi aberta essa brecha com a festa marítima de Outubro de 1927.

Essa festa, mercê das referências do «Século», chamou a attenção do mundo, inclusive do próprio Governo, para a situação dos poveiros, para as reclamações dos poveiros.

Como consequência desse esforço, dessa reacção salutar, e non revolver, e anti-reacção do porto de abrigo, adicionada da sua transformação em porto de pesca.

Insuperáveis se annullavam as difficuldades, infructuosos os sacrificios. Mas os poveiros vieram encontrar na «Século» o generoso e entusiástico paladino das suas aspirações; e foi tão intensa, tão energica, tão repetida, tão lúcida, tão eloquente a campanha encetada e levada a cabo por esse grande diário, o maior e mais illustre de Portugal, — que foram ouvidas as razões da Póvoa, foram satisfeitos os pedidos da Póvoa.

Está ordenada por leis do país a criação da Junta Autónoma com todos os poderes para se encetar a tarefa da construção do porto pesca.

Quer dizer que «O Século» conseguiu, com a sua incontestável autoridade, e a garantia do futuro da Póvoa, levando o Estado a conceder-lhe os meios precisos para isso.

Todos os poveiros sem distincção de classes de cultura, de partidos ou crenças, reconhecem que foi proficuo e que foi enorme o esforço de «O Século».

Afirmam isto sem intuitos lisongeiros, mas com intima convicção alimentada pelos factos.

E' pois, grande o reconhecimento de toda a Póvoa para com o «Século» que, com a sua campanha e a par do próprio Estado, conseguiu resolver um problema que era um pesadelo sobre o espirito de todos os que amam esta terra de encantos e de trabalho.

Jamais se apagará da memória dos vivos e dos vindouros, o sentimento de gratidão devido a tão assignado e precioso serviço.

Pelo «Século» «Ala, Ala, Arrriba!» Póvoa de Varzim, 23 de Janeiro de 1928

João Pereira da Rosa

Este número do

«Comereio» foi visado pela comissão de censura.

RAIOS ULTRA-VIOLETES

Tratamento moderno do arquithemo tuberculose osse e pleuro-pulmonres espasmofias, etc

clínica do Dr. Joaquim Graça

Dr. Vieira Trosado

Clinica geral—Clinica de partos CONSULTAS DA 1 AS 3 HORAS PRAÇA DO ALMADA - PÓVOA DE VARSZIM

CASTRO BICHO

MÉDICO LARGO do THEATRO PÓVOA DE VARSZIM

AMÉRICO GRAÇA

MÉDICO CONSULTAS DAS 2 A'S 4 RUA S D'OUTUBRO PÓVOA DE VARSZIM

DR. ADELIA SEIRÓS DA CUNHA

MÉDICA ASSISTENTE DA FACULDADE DE MEDICINA COM PRÁTICA NO HOSPITAL DE SANTO ANTONIO DO PORTO CLÍNICA GERAL DE SENHORAS DOENÇAS DE CRIANÇAS PRACA DO ALMADA 40 PÓVOA DE VARSZIM

Raul Cardoso

MÉDICO CLÍNICA GERAL DOENÇAS PULMONARES (TUBERCULOSE) Consultas 10 ás 12 da manhã 13 ás 16 da tarde

A. SILVA NUNES

MÉDICO CLÍNICA GERAL DOENÇAS PULMONARES (TUBERCULOSE) Consultas 10 ás 11 e 2 ás 4 Praça da República Póvoa de Varzim

Aluga-se

Uma casa terrea, com bom quintal e água, perto do Lceu Eça de Queiroz. Para informações dirigir-se ao sr. Manuel de Araújo Pinto, no logar de Refugio.

VENDE-SE

Uma casa com andar na Rua do «asseio Alegre, 18, com fundos para a Rua António Graça. Para informações na Rua Luiz de Camões, 17 - Póvoa de Varzim.

Tinturaria

A NOVA Fábrica dos Tapetes de Beliz, resolveu tingir também para o público, atendendo assim a vários pedidos. Quem o desejar pode dirigir-se á mesma Fabrica. Garante se a solidéz das cores.

RÉCORD

Sapataria do Porto

Rua Direita ou Rua Cidade do Porto, PÓVOA DE VARSZIM Oliveira o Filho

Fábrica de calçado em geral. Esp. de fabrica de em calçado para senhoras

CONCERTOS E REPAROS